



Encontro Anual de Estudos Políticos da Universidade Católica

Lisboa, 25 de Junho

Africa, the Rising Continent

Gostaria de iniciar esta minha intervenção, felicitando o Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa por esta louvável iniciativa e, ao mesmo tempo agradecer, muito sinceramente, o convite que nos foi endereçado para abordarmos um tema de tão relevante importância.

Com efeito, trata-se de um tema que é atual pois, enquadra-se no contexto dos principais desafios que se colocam aos países africanos e é objetivo porque visa contribuir, através de diferentes áreas do saber, na busca de soluções para o desenvolvimento e o futuro da África.

O Continente Africano vive um momento ímpar de "*turning point*" para uma trajetória de crescimento e desenvolvimento, alavancada pelo crescimento das exportações de matérias-primas, por um menor crescimento populacional, por uma crescente urbanização, pela diminuição dos conflitos armados, por uma diminuição da pobreza extrema e melhoria da educação básica, a que se alia o relacionamento económico com os BRICS, sobretudo, Brasil, China e Índia, e que está a mudar os seus padrões de comércio e de investimento.

Tudo está a mudar rapidamente em África.

Hoje é TEMPO DE MUDANÇA. A África dos anos pós-independências, da afirmação das nacionalidades, da reivindicação de territórios e de fronteiras, da conflitualidade, da má-governança, da usurpação do poder e da instabilidade, está em vias de extinção, subsistindo poucos exemplos de países frágeis, como a Guiné-Bissau, que ainda não conseguiram identificar e sanar as causas da instabilidade interna e criar factores de coesão nacional, assumindo novos desígnios para os seus povos e redefinindo o rumo da sua história.

Após mais de 350 anos de comércio de escravos e cerca de 50 anos de colonização, **a Renascença africana não podia ser obra de duas ou três décadas.** Porém, hoje África ostenta taxas de crescimento significativas, embora ainda insuficiente para provocar impactos duradouros sobre os indicadores sociais. Entre 2004 e 2008, as economias dos países africanos cresceram em média 6,6% / ano. E apesar da desaceleração provocada pela crise mundial (crescimento de 2,7% em 2009), o crescimento da África subsariana regista uma retoma robusta em 2010 (5,4%), sendo o crescimento em 2011 de 5,2% , e de 6,6% em 2012. Mesmo num contexto de contracção do consumo mundial , estima-se que o PIB do Continente cresça, em 2013, cerca de 4,8% e em 2014 de 5,3%.

É verdade que ainda somos vítimas da seca, da volatilidade dos preços dos alimentos, sofremos de má nutrição, as nossas cidades são focos de miséria e de insegurança, ainda temos uma prevalência muito elevada de HIV, devemos e temos necessidade de investir massivamente em infra-estruturas sociais, em saneamento básico, no acesso à água, à educação e em tudo o mais o mais quanto hoje a Europa já tem como direito humano ao bem-estar. É verdade que representamos sociedades injustas e desiguais, onde o património conjunto dos 100.000 africanos mais ricos é igual a 60% do PIB do continente. É verdade que ainda temos um longo caminho para percorrer rumo ao desenvolvimento, à justiça, à equidade, à humanização das nossas sociedades. Mas a boa notícia é que já

estamos no caminho. E estamos no caminho certo, aperfeiçoando-o todos os dias. África tomou o rumo do seu desenvolvimento.

Hoje nós somos **mais de 960 milhões de Africanos**, enfrentando, com relativo sucesso, a luta contra a pobreza. Temos cada vez mais peso no consumo mundial. A **classe média** africana cresceu mais de 60% nos últimos dez anos e já atinge 34% da população do continente, isto é 313 milhões de consumidores. Em termos de economia global, para além do fornecimento de matérias-primas, este é o primeiro resultado visível do crescimento económico sustentado de África: **temos hoje uma classe média ampla, de dimensão quase idêntica às classes médias da China e da Índia**. Um relatório da McKinsey & Co produzido em 2010, refere que o número de consumidores da classe média africana ultrapassa o total da Índia. Este progresso é notável e deve ser assinalado, porque há apenas dez anos a nossa classe média atingia apenas 196 milhões de almas. **Em quinze anos duplicaremos a dimensão da classe média do continente**, isto é o número de pessoas retiradas da pobreza. São estas perspectivas do renascimento africano que levam a WalMart Stores Inc a pagar US\$ 2,4 bilhões pela aquisição de 51% da sul-africana Massmart Holdings, ou a Yum Brands Inc a abrir 1.200 lojas KFC na África do Sul. África é hoje um mercado com enorme potencial que oferece animadoras perspectivas de parceria e investimento.

Estes números representam a uma vitória sobre a pobreza, mas também um desafio no combate à pobreza, porquanto significam que cerca de 61% dos africanos ainda vivem com menos de US\$ 2 por dia e cerca de 21% da população do continente, 180 milhões de pessoas que fazem parte da base da pirâmide de consumidores da classe média, são ainda vulneráveis aos choques económicos e podem cair de novo na pobreza.

Tudo isto tem-se vindo a refletir, positivamente, também, numa melhor governação e na emergência de uma classe média com poder de compra.

Entre 2000 e 2011, **as exportações africanas** mais que quadruplicaram, passando dos 148,6 mil milhões de UDS para 581,8 mil milhões de USD (dados da UNCTAD). Neste período, a percentagem da Europa nas exportações africanas era de 47%, em 2011 passou para 33%; no caso dos EUA caiu de 17%, em 2000, para 10% em 2011.

Em contrapartida, os BRICS, nomeadamente, a China aumentou o seu peso nas exportações africanas – de 3,2% em 2000 passou para 13% em 2011; a Índia passou, no mesmo período, de 2,8% para 6%; e o Brasil de 2% para 3%. Ou seja, as economias emergentes saltaram de um peso de 8%, em 2000, para 22%, em 2011.

A estabilidade política é também crucial para que África possa prosseguir na senda do crescimento significativo que a tem marcado, nos últimos 15 anos.

O principal desafio, a curto prazo, para o Continente é a consolidação da estabilidade macroeconómica, dada a maior volatilidade da economia mundial, aliada à melhoria da regulação do sector privado, das infraestruturas, de forma a facilitar o acesso a serviços públicos – educação, saúde e segurança. Desta forma, os países africanos poderão beneficiar de taxas de crescimento sustentadas e redução da pobreza e desigualdade, melhorando os seus índices de desenvolvimento humano.

Em termos demográficos, o Continente está também numa fase de transição, com menores taxas de mortalidade e de natalidade, prevendo-se que, por volta de 2050, uma em cada quatro pessoas, no mundo, viva em África; prevê-se, igualmente, que, em 2025, a maioria da população africana viva em cidades, muitas delas, centros de atividades económicas produtivas, perdendo o Continente a sua natureza predominantemente rural.

Mas, o sucesso da ascensão do Continente, neste quartel do século XXI, depende, também, da **integração regional** e da sua consolidação, o que coloca desafios específicos, dada a dimensão de muitas das economias Africanas. África é ainda um Continente fragmentado, o que dificulta o comércio regional. O grande desafio a vencer consiste no financiamento de infra-estruturas de

ligação entre os países africanos, em cada região e também a nível continental.

Importa, nesta ocasião, realçar e deixar algumas notas **sobre o potencial económico do espaço CPLP, com cerca de 250 milhões de pessoas** que falam português (prevendo-se que, em 2050, venha a ser 323 milhões), em quatro continentes, e com países de elevado potencial económico – Brasil no grupo dos BRICS; Angola e Moçambique (que pode vir a tornar-se no 6º maior produtor de gás, depois dos EUA, Canadá, Rússia, Irão e Qatar) com taxas de crescimento em torno dos 8%; Timor-Leste também com perspectivas de taxas de crescimento elevadas, em torno dos dois dígitos, graças ao petróleo.

O Brasil, Angola e Moçambique representam mais de 50% das descobertas petrolíferas realizadas nos últimos oito anos.

As economias destes países da CPLP gozam, assim, de elevadas potencialidades, graças ao *momentum* que atravessam – *boom* das suas exportação de matérias-primas, que poderão vir a alavancar / estimular o desenvolvimento industrial e das infraestruturas, assentes, também, na emergência de uma classe média com poder de compra, o que agilizará a criação de um mercado interno (estimulado pelo consumo privado de bens e serviços).

Estas perspectivas otimistas devem incentivar os políticos e decisores a enfrentar os desafios e oportunidades de crescimento e desenvolvimento, em suma, da transformação económica desses países do espaço lusófono, sustentado pelo crescimento nos vários sectores – extrativo, agrícola e industrial.

E porque o tema é ***Africa, The Rising Continent***, não posso deixar de salientar que as **relações triangulares** que se podem estabelecer entre a **América Latina, África e Europa (UE)** encerram uma grande oportunidade para o crescimento e desenvolvimento das três regiões, onde a CPLP tem 7 dos seus 8 membros. Sobretudo, numa altura de crise económica como a que o mundo desenvolvido atualmente vive, e a Europa em particular. Portugal é um exemplo disso. Há que evitar que a crise

se estenda aos países emergentes ou em desenvolvimento. Cabo Verde é disso também um exemplo, com a sua economia a contrair, de novo, este ano.

Há que trabalhar, com uma visão estratégica, o triângulo Europa – América Latina – África para impulsionar o desenvolvimento deste Continente.

A CPLP tem potencial estratégico e poder funcional, no contexto das Relações Internacionais, na medida em que, considera a teoria, que o poder funcional está frequentemente na posse dos pequenos Estados e que se traduz na detenção de uma situação geográfica estratégica, acesso a fontes de minerais raros e fontes de energia como o petróleo, elementos que são indispensáveis ao funcionamento dos sistemas internacionais, como acontece com Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe e que, portanto, também dão aos seus detentores capacidades.

Em suma, o sucesso das reformas na governação, gestão macroeconómica, políticas públicas de redução da pobreza, melhoria das infraestruturas e da educação dá-nos a esperança de que o modelo assente nos bens primários (*commodities*) poderá contribuir, a prazo, para a criação de modelos de desenvolvimento sustentável nos países Africanos da CPLP, e de África em geral, trazendo a prosperidade ao espaço da nossa Comunidade e do Continente.

Mas, é importante que se tenha presente que o maior investimento a ser feito em África deverá incidir, sobretudo, no **capital humano**. Estima-se que em 2040 a África terá a maior reserva de mão-de-obra do planeta. Está a aumentar a classe média em África com poder aquisitivo, um número crescente de africanos já tem poder económico para pagar a sua própria educação. Esta situação deve-se, também, ao aumento do consumo interno. Assim sendo, outro grande desafio consistirá em encontrar formas de saciar esse desejo de consumo.

O desenvolvimento da África passará, sobretudo, pela formação e valorização dos seus recursos humanos e das infraestruturas e pelo investimento nas novas tecnologias.

Esperando, que esta abordagem do tema em questão tenha permitido um melhor conhecimento dos desafios que se colocam ao Continente Africano e tenha contribuído para o aprofundamento do debate sobre o futuro da África, agradeço toda a atenção que me foi dispensada.